

Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,
Rio de Janeiro,
Museu Imperial, Petrópolis, RJ
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:
Roberto Conduru
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de
**A transferência da
tradição Clássica
entre Europa e
América Latina**

Alexander von Humboldt e as pinturas de Johann Moritz Rugendas na América

Claudia Valladão de Mattos
Unicamp

Resumo

Entre 1831 e 1847, Rugendas realiza uma segunda viagem às Américas, em um projeto desenvolvido com o auxílio de Humboldt. As obras produzidas durante esta viagem possuem um caráter muito diverso das anteriores do artista. O presente artigo propõe-se investigar essas pinturas, entendendo-as à luz dos comentários históricos e políticos que podem ser encontrados em vários textos de Alexander von Humboldt, particularmente em seus escritos sobre Cuba, sobre os Estados Unidos e sobre o México.

Palavra Chave

Rugendas, Humboldt, Pinturas

Summary

Between 1831 and 1847 Rugendas travels for the second time to America in an ambitious Project developed with Humboldt's help. The works produced during this trip have a very diverse character, when compared to his previous production. The present paper proposes to investigate these paintings, seeing them through the light of a series of Humboldt texts, particularly those writings on Cuba, the US and México.

Key-words

Rugendas, Humboldt, Paintings

O artista alemão Johann Moritz Rugendas esteve por duas vezes no Brasil. Realizou uma primeira viagem entre 1821 e 1825 como membro da Expedição Langsdorff e, mais tarde, retornou às Américas, viajando pelos territórios de língua hispânica e pelo Brasil, entre 1831 e 1847. A produção do artista correspondente a esses dois momentos é, no entanto, muito diferente. Comparando as imagens que ele produziu como membro da expedição Langsdorff e as da segunda viagem americana, temos a impressão de estar diante de dois artistas totalmente distintos. Como exemplo, tomemos duas vistas do Rio de Janeiro: uma primeira publicada em seu livro *Viagem Pitoresca através do Brasil*, editado em seguida ao seu retorno à Europa (**Figura 1**) e outra criada durante o período de sua segunda estada no Brasil (**Figura 2**). Enquanto a primeira imagem pertence de forma evidente à tradição do registro científico, popularizado através da produção de viajantes, como o próprio Rugendas, a segunda é realizada em óleo, sendo a principal intenção transmitir, não os detalhes da paisagem, mas uma visão dinâmica e envolvente da cena. Nesta segunda obra, Rugendas substituiu a precisão das folhagens delineadas no papel com cuidado e exatidão, por uma pintura de pinceladas largas e visíveis, que parecem sugerir uma unidade dinâmica. Poderia-se argumentar que a comparação de dois gêneros tão distintos, isto é, pintura à óleo, de um lado, e gravura impressa, de outro, é inadequado. Porém, neste caso, a mudança de técnica não se relaciona à atuação do artista em campos diferentes da arte. Ao contrário, Rugendas parece emprestar a técnica do óleo, pertencente à “alta pintura” para dar conta do registro da paisagem exótica dos trópicos.

De fato, para compreendermos essa profunda mudança em sua abordagem da realidade nos dois momentos em que esteve viajando na América, é preciso levar em conta o período que Rugendas permanece na Europa, entre as duas viagens. Como veremos, nesses seis anos em que ele se dedicou principalmente à organização e publicação de seu livro, experiências importantes levaram à profunda transformação das referências teóricas do artista.

Uma vez de volta à Europa, em 1825, Rugendas inicia, em Paris, o desenvolvimento de seu projeto de publicação das suas experiências de viagem, associando-se ao escritor V.A. Huber, que, ao que tudo indica, foi o responsável pela composição do texto. Nesses mesmos anos ele conhece o naturalista Alexander von Humboldt, que o contratará para realizar uma série de desenhos para sua publicação sobre *A Fisionomia das Plantas*¹. Os resultados produzidos por Rugendas agradaram tanta a Humboldt que ele passou a colaborar de forma mais sistemática com o artista, apoiando-o inclusive na publicação de seu livro. Por sua vez, a convivência com Humboldt desencadeou uma grande mudança em Rugendas, no que diz respeito à compreensão da tarefa do artista viajante. Ao decidir por uma segunda viagem às Américas, pretendia agora não só registrar a natureza, mas, como Humboldt em seu livro *Vistas das Cordilheiras e dos Monumentos dos Povos Indígenas das Américas*, fazer um levantamento arqueológico das antigas civilizações do continente. Em 1828, durante um período de viagem à Itália, Rugendas escreveria a Humboldt sobre seus planos, recebendo apoio do

1 Sobre as relações entre Rugendas e Humboldt ver: Renate Löchner, *Johann Moritz Rugendas no México. Um pintor nas pegadas de Alexander von Humboldt*, cat. de exposição Memorial da América Latina, São Paulo, 2002.

naturalista². Em 1831, após uma nova estada em Paris, Rugendas consegue dinheiro suficiente para empreender sua segunda viagem. Nesta, ele essencialmente seguiria os percursos anteriormente traçados por Humboldt.

Para compreendermos a importância do contato de Rugendas com os textos e com a pessoa de Alexander von Humboldt, faz-se necessário expormos alguns aspectos centrais da teoria do famoso naturalista alemão.

Humboldt é em geral lembrado como o grande naturalista, explorador das Américas que, com seus relatos de viagem publicados entre 1805 e 1839 em Paris, revelou ao mundo a riqueza do clima e da vegetação do continente americano e sua variada paisagem. A visão desse explorador aventureiro que serviu de modelo para tantos viajantes que cruzaram a América ao longo do século XIX, em geral deixa de lado um aspecto de grande relevância de seu pensamento: a estreita relação entre natureza e história.

Uma parte considerável da obra de Humboldt, que inclui alguns de seus livros mais populares, como os *Ensaio Político sobre o Reino da Nova Espanha*, que veio a público entre 1808 e 1810, seus comentários sobre Cuba, ou *Vistas das Cordilheiras*, publicado entre 1810 e 1813 (todos incorporados aos 29 volumes das “Viagens” de Humboldt e Bonpland)³, dedica-se a reflexões sobre a relação entre homem e natureza, estabelecendo conexões entre geografia e história que foram, como veremos, modelos de grande relevância para sua época.

Impulsionado pelo interesse contemporâneo nos estudos ecológicos, a obra de Humboldt tem merecido novas leituras que enfatizam sua visão unificadora, de raiz goethiana⁴. De acordo com esses autores, seu estudo obsessivo e minucioso das diversas facetas do mundo natural visava, em última instância, entender a unidade e interdependência das diversas manifestações da natureza. Nas palavras de Aaron Sachs: “Ele desejava obter *flashes* – e ele só pedia isso – da magia que une todos os seres, que conecta a vegetação ao clima, rios a árvores, homens a animais”⁵. Essa visão, surpreendentemente contemporânea, do mundo como um grande ser vivo conectado por redes sutis de mútua dependência, incluía, evidentemente o homem. Em uma carta a Caroline von Wolzogen, datada de 14 de maio de 1806, Humboldt escreveria: “Nas florestas do rio Amazonas, assim como nas encostas dos altos Andes, reconheci como apenas uma vida se esparrama, animada de pólo a pólo, em pedras, plantas e animais, assim como no peito inflado dos homens”⁶.

Assim, em sua viagem pela América, Humboldt realizou observações minuciosas, não apenas sobre a natureza do continente, suas elevações e variações climáticas, mas também das diferentes culturas, atuais e antigas, com as quais entrou em contato.

Em seu *Ensaio Político* sobre o México, ele procura compreender a relação entre geografia, recursos naturais, história e economia, ao mesmo tempo em que faz duras críticas ao sistema colonial ali implantado: “Todos os vícios de

2 De acordo com Renate Löchner, no entanto, Humboldt insiste para que ele se concentre na representação das florestas tropicais, desaconselhando-o, por exemplo, a ir ao Chile. Rugendas, no entanto, mantém seu interesse pelos povos americanos, viajando também ao Chile para pesquisar os Araucanos. Cf. Löchner, op.cit., p.21-22.

3 Alexander von Humboldt, *Werke*, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2008.

governos feudais, passaram de um hemisfério a outro [...] As propriedades da Nova Espanha, como aquelas da velha Espanha, estão em larga medida nas mãos de poucas famílias poderosas que lentamente absorvem as propriedades menores. Na América, assim como na Europa, largas quantidades de terra são entregues a pastagem e à esterilidade perpétua³. Humboldt igualmente questionava a dependência da economia do México do comércio exterior, especialmente as riquezas fáceis geradas pela exploração de minas. Para ele, uma nação que optava por deixar seu povo faminto para ganhar fortuna com exploração de minérios, jamais teria condição de tornar-se uma nação autônoma e soberana. Sua crítica dirigia-se às elites coloniais que, de acordo com seu julgamento, não tinham sentimento de nação e só perseguiam lucro pessoal, às custas da exploração dos recursos naturais do país: “Toda vez que o solo pode produzir tanto índigo, quanto milho, dá-se preferência ao primeiro, ainda que o interesse geral exigiria que a preferência fosse dada ao vegetal que pode alimentar os homens sobre aquele que é simples objeto de troca com estrangeiros³”.

O interesse de Humboldt pelo estado das sociedades e pelo destino político das Américas também pode ser confirmado pela sua troca de correspondências com Simon Bolívar. De acordo com a tradição, teria sido Humboldt que, em conversas com o jovem Bolívar em Paris e Roma, o convencera da necessidade de libertar o continente americano. De fato, ainda que tal lenda não possa ser definitivamente comprovada, as correspondências de várias décadas entre os dois contêm passagens que sugerem conversas sobre o destino político dos territórios das Américas. Em carta dirigida a Bolívar e datada de 29 de Julho de 1822, por exemplo, Humboldt faz referência à “época em que fizemos promessas em favor da liberdade e da independência do novo Continente”⁴.

Vale mencionar também a esperança depositada por Humboldt no novo modelo de governo republicano adotado pelos Estados Unidos. Ao final de sua viagem pelo continente americano, em 1804, Humboldt viaja à América do Norte, tendo sido recebido pelos principais políticos do país, inclusive pelo então presidente Thomas Jefferson. Sua admiração pelo estado de direito ali instaurado era explícito: “Não pude resistir o interesse moral de ver os Estados Unidos e apreciar o aspecto reconfortante de um povo que sabe valorizar o dom precioso da liberdade”, escreveria ele a Jefferson logo antes de sua visita. Tal admiração pela nação americana o teria levado inclusive a ceder informações importantes recolhidas no México sobre as suas fronteiras com os Estados Unidos, informações essas que seriam úteis no processo de expansão do território dos Estados Unidos em direção ao oeste. Apesar das muitas críticas recentes dirigidas contra Humboldt, especialmente no campo dos estudos pós-coloniais, como diz Ingo Schwarz, “É bastante evidente que Humboldt não tinha a menor dúvida que ele estava fazendo a coisa certa³”. Humboldt via os Estados Unidos como um exemplo para toda a América.

⁴ Fred Rippy e E.R. Brown, “Alexander von Humboldt and Simon Bolivar”, in: *The American Historical Review*, vol 52, n.4, jul. 1947, p. 697-703. Aqui cit. P.701.

O interesse de Humboldt sobre a política no continente não se dissociava, no entanto, de suas pesquisas como naturalista. Ao contrário, Humboldt compreendia as esferas política e econômica como diretamente associada à geografia e aos aspectos culturais de um território. As transformações produzidas pela intervenção humana sobre a natureza eram para ele objeto de reflexão constante, tornando-se o tema principal de seu livro *Idéias sobre uma Geografia das Plantas* (Ideen zu einer Geographie de Pflanzen), publicado em 1807. Ao final do texto, Humboldt escreveria: “Assim as plantas intervêm ao mesmo tempo na história política e moral dos homens. [...] O conhecimento sobre o caráter natural de partes diferentes do mundo está intimamente vinculado à história da humanidade e suas culturas”^{MF}.

De volta a Paris, Humboldt acompanha com grande interesse as transformações que ocorrem no continente americano e tais assuntos certamente eram discutidos em seu círculo de amizade mais próximo. Como vimos, em 1825, exatamente no momento em que Humboldt preparava uma nova edição de seu livro sobre a Geografia das Plantas, Johann Moritz Rugendas passa a integrar esse círculo, tornando-se amigo e discípulo de Humboldt.

Como vimos, Rugendas parte uma segunda vez para as Américas em 1831, agora sob os auspícios de Humboldt, permanecendo no continente até 1847. Esta viagem incluiu os territórios do México, Chile, Peru, Bolívia, Argentina, Uruguai e novamente ao Brasil. O projeto desta viagem havia sido concebido e desenvolvido em conjunto com Humboldt. Na produção que dela resultou, podemos observar mudanças significativas. Como dissemos, o uso de pintura a óleo chama a atenção, assim como seu interesse pela questão da relação entre homem e paisagem, um tema ainda menor no contexto de sua primeira expedição brasileira. Esse interesse pela intervenção da história na paisagem desdobra-se também em uma série de quadros históricos. Nesses, dois temas predominam: por um lado cenas ligadas às Independências de países americanos, como nas pinturas retratando a “Batalha de Maipú” (1835-37), que marcou a vitória dos chilenos contra os espanhóis, ou o “Regresso de Garibaldi depois da Batalha de Santo Antônio” (1846), episódio retirado da história de independência do Uruguai. Por outro lado, Rugendas também aborda o drama do enfrentamento entre nativos e europeus, construindo uma narrativa sobre a conquista e a constituição étnico-cultural das Américas, como no caso do quadro a “Batalha de Otumba” (1831-34), que representa a vitória de Cortez contra os Astecas no México, ou o ciclo de pinturas sobre os raptos de mulheres brancas por parte dos araucanos, na Argentina (A série inicia-se com o quadro “O rapto de Trinidad Salcedo”, datado de 1836 e que retrata um episódio divulgado pela imprensa da época.). Trata-se, portanto, de um discurso sobre a história da constituição dos povos americanos a partir do enfrentamento de diferentes raças e culturas, muito próximo ao desenvolvido por Humboldt.

A visão dinâmica da relação entre homem e natureza defendida por Humboldt em seus trabalhos não está presente apenas nos quadros de História produzidos pelo artista. Durante sua viagem, Rugendas também realizará uma série de obras que procuram integrar a produção humana à paisagem. As pinturas produzidas durante sua passagem pelo México são especialmente significati-

vas nesse sentido. Em “A Pirâmide do Sol de San Juan Teotihuacan” (1831-34, fig. 3), vemos como Rugendas integra a pirâmide, obra humana monumental, à paisagem, medindo-a com as montanhas ao fundo. É como se essas maravilhas da arquitetura antiga fossem parte da própria natureza. O uso do óleo sobre papel, uma técnica que começa a usar ao chegar no México, ajuda na construção de uma cena dinâmica, reveladora de uma sublime unidade. A figura do indígena, que pisa aquela terra com pés descalços, acentua sua pertença àquela paisagem. Para além da representação de um trecho das Américas, Rugendas promove uma reflexão a respeito da memória e da relação entre cultura e natureza. O mesmo ocorre com a presença hispânica nesses territórios. Uma série de quadros do artista dispõe a arquitetura colonial espanhola contra o cenário árido do México, acentuando as adaptações realizadas nos edifícios para integrarem-se àquelas paisagens. Quadros como “Um Poço no Povoado de Texcoco” (1831-34), ou “O Vale do México desde a altura de Nostra Señora de los Remédios”, produzido no mesmo período, são excelentes exemplos desta nova concepção histórica, dinâmica e unificadora que o artista integra à sua poética. Também Humboldt, ao viajar por essas terras, havia enfatizado a unidade entre natureza e cultura retratada nos quadros de Rugendas. Ao tratar da paisagem de Veracruz, o naturalista escreveria: “Quando se vai à Veracruz até o planalto de Perote, pode-se reconhecer imediatamente a maravilhosa ordem em que os diferentes tipos de vegetação estão dispostos, como se fossem classificados em diversas camadas. A cada passo pode-se contemplar, então, a mudança que ocorre na fisionomia da paisagem, no aspecto do céu, no desenvolvimento das plantas, na figura dos animais e nas formas de vida e cultura humana”¹⁶.

Com o auxílio de Alexander von Humboldt, Rugendas foi capaz de inovar a tradição da produção de viajantes, rompendo com a suposta “distância” entre o país visitado e o artista “estrangeiro”. Em vários locais por onde passou, sua obra tornou-se um verdadeiro testemunho de época, lançando as bases para a construção do imaginário dessas jovens nações.

Também sua segunda visita ao Rio de Janeiro revelou-se muito mais envolvente do ponto de vista da política local. Durante esta segunda estada na capital do Brasil, o artista realizou retratos da família imperial e participou ativamente das exposições da Academia Imperial de Belas Artes. Ainda pouco estudada, esta estada de Rugendas no Rio de Janeiro, em 1847, poderia fornecer uma chave importante para compreendermos os caminhos de contato intelectual e os debates partilhados entre diversos países do continente americano em meados do século XIX.



Vista do Rio de Janeiro Tomada do Aquaduto
Litografia, 23,9 x 35,3 cm,
Johann Moritz Rugendas

in: Viagem Pitoresca através do Brasil, 1835.



Pedra da Gávea no Rio de Janeiro
óleo sobre tela, 24,5 x 32,5 cm, 1846
Johann Moriz Rugendas

Instituto Ricardo Brennand, Recife.



A Pirâmide do Sol de San Juan Teotihuacan, 1831-34,
óleo sobre papel, 25,2 x 40,0 cm
Johann Moritz Rugendas

Instituto Ibero-Americano, Patrimônio Cultural Prussiano,
Berlim.